



EXPERIÊNCIAS

EVADING
THE
CRIMINAL
JUSTICE
SYSTEM

BREVE RELATO PANDÊMICO¹



PAOLA BERENSTEIN JACQUES

*Professora titular do PPG-AU/UFBA e coordenadora do
Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA)*

Desde o início do isolamento, aqui começado em março de 2020, o som da cidade parece ter mudado bastante. Passo a escutar bem mais os pássaros. Todos os dias pela manhã os bem-te-vi cantam alto e alegremente sua liberdade e, pela tarde, as maritacas parecem festejar a ausência de humanos, presos em suas residências em *home office*². Durante o dia, casais de gaviões passam pela janela em voos rasantes, cada vez mais próximos dos vidros, e algumas gaivotas também passaram a dar o ar de sua graça.

As praias da cidade tiveram seus acessos fechados com tapumes e, em areias urbanas, antes lotadas de banhistas, algumas tartarugas marinhas passaram a desovar. Até mesmo as baleias passaram a chegar bem mais próximo da orla e não é mais raro ver, da janela de casa, famílias inteiras passando com seus saltos e esguichos d'água. Há vários relatos de animais selvagens, como onças ou jacarés, passeando por ruas de diferentes cidades do interior, agora com bem pouca circulação de pessoas ou de veículos.

Todas as aulas e demais atividades presenciais na Universidade Federal da Bahia foram interrompidas e, até hoje³, só as atividades essenciais foram mantidas, todo o resto se dá de forma remota. O acesso aos campi universitários passou a ser restrito a poucas pessoas. Após mais de um ano sem entrar no principal campus da Universidade, em Ondina, precisei buscar livros no estoque da Editora Universitária, cuja sede fica bem no centro deste campus que reúne vários prédios de faculdades distintas. A UFBA possui outros campi e prédios isolados em Salvador, mas esse é o maior campus e fica em um bairro residencial, formando uma cidadela universitária dentro da cidade.

Ao passar o portão de entrada parecia adentrar um espaço outro (no sentido foucaultiano), a vegetação tinha invadido os prédios, sobretudo as várias obras inacabadas – reflexo da crise financeira das Universidades públicas do país, mesmo motivo que levou à interrupção do serviço de jardinagem dos campi durante a pandemia – que praticamente desapareceram ao passar a funcionar como “estruturas” vegetais formando enormes “jardins” verticais. Me lembrei imediatamente de um relato de um velho amigo, Henri-Pierre Jeudy, de uma viagem à Chernobyl (Ucrânia) alguns anos após o desastre nuclear (1986), quando ele me contou em detalhes sua surpresa ao adentrar a dita “cidade fantasma” contaminada - que se tornou radioativa e inabitável por milhares de anos - quase completamente coberta por uma vegetação estranha que invadiu toda a cidade abandonada pelos humanos. Ao caminhar completamente só, pelo campus antes sempre lotado de estudantes, lembrava dessas imagens de Chernobyl, e passei a me sentir numa aventura pela “zona” do filme *Stalker* (do cineasta Tarkovski, 1979). Me senti uma “stalker” atravessando uma “zona misteriosa” mas que, diferentemente daquela bem sombria e desértica do filme russo, era uma zona colorida tropical, temporariamente abandonada pelos humanos mas plenamente habitada por várias outras espécies diferentes.

A pequena mata tropical, que já existia no campus, se transformou em uma verdadeira selva, que invadiu as ruas internas, praças e os caminhos de pedestres. Os animais silvestres, como micos e lagartos, que já circulavam antes – mas em proporção e tamanhos menores -, passaram a dominar o espaço do campus vegetalizado. Além do verde dominante, muitas outras cores surgiam ao longo de meu caminho, tanto nas plantas quanto nos bichos, em particular nos insetos. Logo na entrada da editora, meu destino, enormes borboletas coloridas passeavam entre folhagens de diferentes tons, e o que era grama virou mato e a grade da porta foi recoberta de trepadeiras e samambaias. Lembrei de vários relatos de viagem por regiões “selvagens”, como aqueles de Mário de Andrade de barco rumo à Amazônia, publicados na série “O turista aprendiz” (1927).

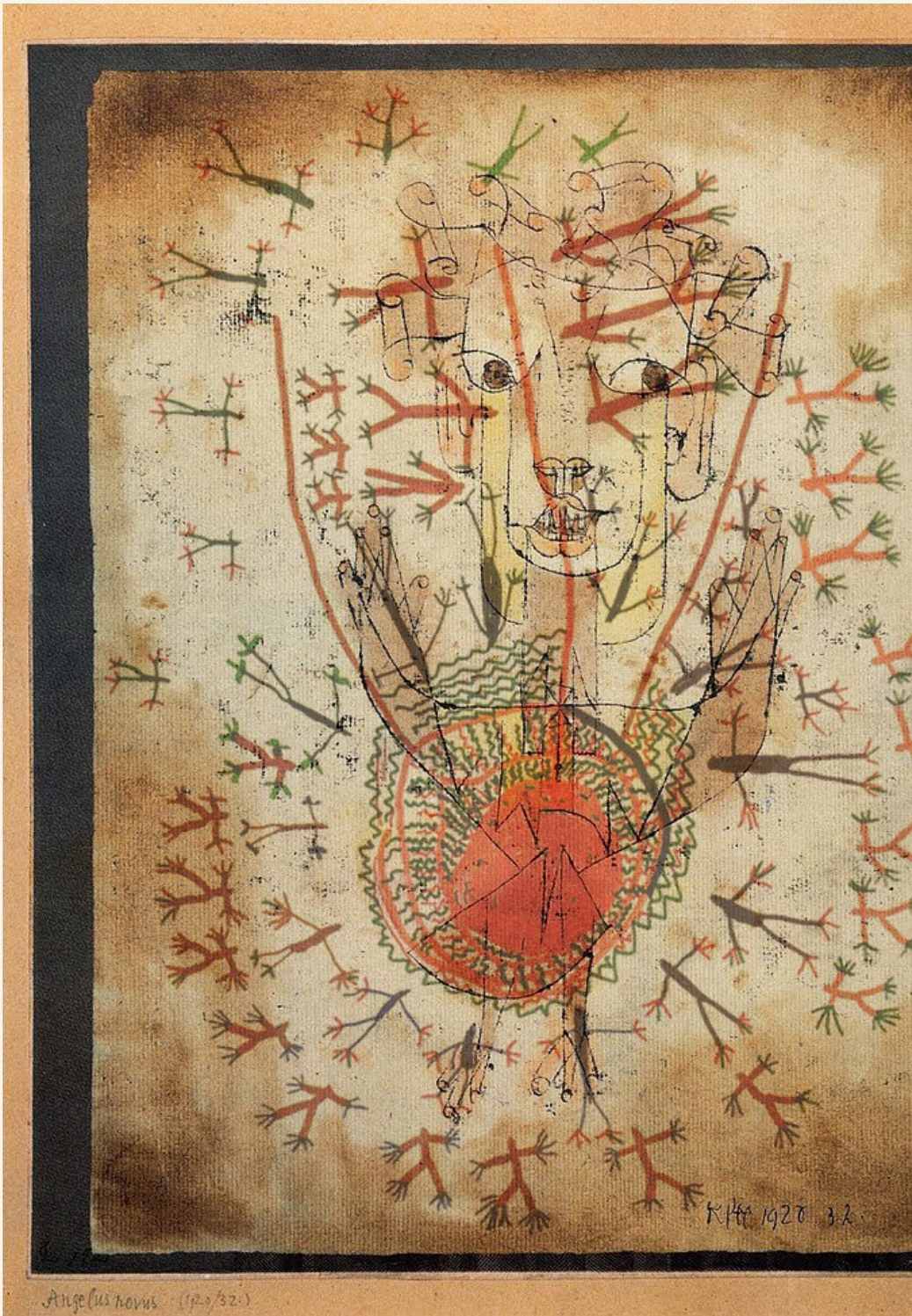
“12 de maio. Pela manhã apareceu a bordo uma borboleta mariposa que media bem uns três metros e vinte da ponta de uma asa à outra. Era toda de veludo pardo com aplicações de renda de Veneza, mui linda. Dessa qualidade eu já conhecia, porque uma senhora no meu bairro tem uma no jardim. Isso não impediu que a aparição fosse recebida com aplauso geral, porque durante as correrias pra pegar a mariposa, ela sempre achou um jeito de apresentar os passageiros uns aos outros e de noite deu um baile no salão”.

Ao tentar abrir a porta engradada já coberta de plantas e raízes, vários outros relatos, imagens e lembranças diferentes me invadiram. Lembrei de cenas de um outro filme, também dirigido por Tarkovski, *Nostalghia* (1983), com imagens sobrepostas de lugares diferentes em que o tempo parecia ter parado, em suspenso, e ter sido gravado ou esculpido em ruínas. Me afastei um pouco da grade para me sentar em um banco úmido recoberto de limo, e passei a observar logo

na minha frente o prédio, “que era ainda construção e já é ruína” como canta Caetano Veloso em “Fora da ordem” (1991), lembrando também do que escreveram Walter Benjamin e Asja Lacis sobre a cidade de Nápoles (1925): “nesses recantos mal se percebe quais as partes onde continua a construção e aquelas que já entraram em ruína”. O prédio que seria o novo Instituto de Ciências da Informação já estava quase completamente tomado pela farta vegetação. Penso no que poderia ser uma ciência da informação vegetal. Penso na suspensão da vida universitária no campus, em sua ruína viva, no próprio campus como um espaço em suspensão, um espaço outro tomado por outras formas de vida, um espaço em “devir selvagem”. Como podemos pensar nessa coexistência de formas de vida, espécies e tempos distintos na retomada das atividades universitárias no pós-pandemia? Algo mudará no pós-pandemia no campus e na cidade? Como pensar em um “devir selvagem” das cidades?

Tiro minha máscara hospitalar para beber um pouco de água que levava na mochila, e rememoro uma fala que ouvi em uma *live* recente do pensador e líder indígena Ailton Krenak direto de sua aldeia no médio rio Doce, da reserva indígena isolada e fechada aos “brancos”. Ele nos dizia: “Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento entrou em crise”. Tanto Krenak quanto o líder Yanomami, Davi Kopenawa – que nos denomina de “povos da mercadoria” –, chamam atenção para nosso antropocentrismo, Krenak insistia em sua fala: “Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário”. Lembro também de uma frase de Lévi-Strauss, não me recordo mais em que livro, que dizia que o mundo começou sem os homens (humanos) e terminará sem eles, lembro ainda do livro recente do Kopenawa (com o antropólogo Bruce Albert) onde ele nos alertava: “A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. (...) Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar”.

Ao imaginar essa “queda do céu” da lenda Yanomami, lembro de uma imagem da floresta feita por Claudia Andujar em preto e branco e de uma escultura clássica do titã grego “Atlas” carregando o firmamento celeste em suas costas que Aby Warburg escolheu para uma das pranchas de seu Atlas da memória. Lembro também da “imagem de pensamento” do “anjo da história” (1940) de Walter Benjamin, a partir do quadro de Paul Klee, *Angelus Novus* (1920), em que o anjo é carregado para o futuro de costas, com as asas abertas pelo vendaval, pela tempestade do progresso que nos leva à catástrofe⁴.



Angelus novus (1920/32)



Figura 1. *Angelus Novus*, Paul Klee (1920) & desenho de Orlando Nakeuxima Manhipi-theri, povo Yanomami (1976).
Fonte: Montagem de Dilton Lopes e Ramon Martins para o cartaz da conversa virtual com Guilherme Wisnik – *O anjo da história e a queda do céu* – no Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea (2020) da Escola da Cidade (SP).

"Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso"

Ao me levantar do banco esverdeado e recolocar minha máscara, relembro do manifesto antropófago (1928) de Oswald de Andrade – "Tupi, or not tupi that is the question" – e de outra canção de Caetano Veloso, "Um índio", que passo a cantarolar ao finalmente me dirigir para a porta lateral da editora onde o porteiro, único humano que vi no interior do campus, já me esperava com o pacote de livros que tinha ido buscar. Em todo o caminho de volta até o portão de entrada – portal mágico que me abriu a esse espaço-tempo em suspensão, mas tão vivo e colorido –, retorno cantarolando pelo campus em devir "selvagem", ou "em movimento" como diz o jardineiro Gilles Clément, a profética canção (do disco "O bicho", de 1977):


*"Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais
avançadas das tecnologias*

*Virá
Impávido que nem Muhammad Ali
Virá que eu vi
Apaixonadamente como Peri
Virá que eu vi
Tranquilo e infalível como Bruce Lee
Virá que eu vi
O axé do afoxé Filhos de Gandhi
Virá*

*Um índio preservado em pleno corpo físico
Em todo sólido, todo gás e todo líquido
Em átomos, palavras, alma, cor
Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto-sim resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito*

(...)

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio”.*

Enquanto termino de digitar essas notas, a Comissão de Constituição e Justiça aprovou a PL 490, que busca retirar a proteção das terras indígenas garantida pela Constituição Federal de 1988 e lembro do discurso histórico do mesmo Ailton Krenak na Assembléia Constituinte. Trata-se de mais um golpe contra os já vulneráveis povos originários, perseguidos desde a invasão europeia em 1500, considerados “atrasados”. Os povos indígenas, de diferentes etnias, foram novamente um dos mais afetados pela atual pandemia mas, mesmo assim, protestavam há semanas – antes de serem violentamente dispersados pela polícia federal – em frente à Câmara de Deputados na capital do país, ícone do “progresso” nacional e da arquitetura e urbanismo modernos, Brasília. 

NOTAS

¹ Texto (em forma de relato/“escrita automática”) originalmente publicado em francês (com alguns cortes) no livro-coletânea “Regards sous contrainte: carnet de terrain d’un monde pandémique” (collection Décrire, éditions BOA, Paris, 2021), organizado por Alessia de Biase (LAA/LAVUE/CNRS). A convite da organizadora

(que nos pediu uma descrição etnográfica), cinquenta pesquisadores relataram, em primeira pessoa do singular, uma de suas experiências urbanas, em várias cidades do mundo, durante a pandemia (2020/21).

² Uma parcela mais privilegiada da população, com condições para trabalhar de casa.

³Relato de maio de 2021.

⁴Neste exato momento, 14 meses após os primeiros casos, nos aproximamos rapidamente do meio milhão de mortos pelo novo vírus no país, com muitas mortes que poderiam ter sido evitadas se não fosse a postura negacionista, irresponsável e negligente do atual governo federal de extrema direita.